

# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

## Núcleo de História Oral

### FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** VR-HT-OP-017

**Entrevistado:** Geraldo Leocádio Sobrinho

**Local da entrevista:** Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

**Data da entrevista:** 27/02/2007

**Horário da entrevista:** 17h

**Duração da entrevista:** 59mim49seg

**Equipe do Vale Registrar / História Oral:**

**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa

**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Entrevistadores:** Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade  
(monitor)

**Gravação da entrevista:**

**Coordenação:** Bellini Andrade (EMVIDEO)

**Produção:** Mateus Brandão (EMVIDEO)

**Câmera:** Flávia Trópia (monitora)

**Equipamento utilizado:** Câmera digital MiniDV

**Transcrição:** Bernardo Alves de Brito Andrade

**Data da transcrição:** 10/04/2007

**Conferência de fidelidade:** Elodia Honse Lebourg

**Data da conferência:** 13/04/2007

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

## [Início da entrevista]

**Elodia Lebourg** – Boa tarde.

**Geraldo Leocádio** – Boa tarde.

**Elodia Lebourg** – Eu queria começar com o senhor dizendo seu nome completo.

**Geraldo Leocádio** – Geraldo Leocádio Sobrinho.

**Elodia Lebourg** – Qual é a data e o local de nascimento do senhor?

**Geraldo Leocádio**– Eu nasci em 19 de novembro de 1953, em Rodrigo Silva, distrito de Ouro Preto.

**Elodia Lebourg** – Qual é o nome dos seus pais?

**Geraldo Leocádio** – Antônio Leocádio e Maria das Dores Xavier.

**Elodia Lebourg** – De onde eles são?

**Geraldo Leocádio** – Meu pai é de Rodrigo Silva e minha mãe é de Acaiaca<sup>1</sup>.

**Elodia Lebourg** – Em que seu pai trabalhava?

**Geraldo Leocádio** – Meu pai era ferroviário, trabalhava aqui na estrada de ferro. Antes, acho que era Central do Brasil<sup>2</sup>; depois, acho, passou para a Leopoldina<sup>3</sup>.

**Elodia Lebourg** – Ele trabalhava em que área?

**Geraldo Leocádio** – Ele trabalhou na turma de conserva<sup>4</sup> e depois na Maria Fumaça<sup>5</sup>, na...

**Elodia Lebourg** – Como maquinista<sup>6</sup>?

**Geraldo Leocádio** – Ele era auxiliar-de-maquinista<sup>7</sup>.

**Elodia Lebourg** – Ele trabalhou nessa área a vida inteira?

**Geraldo Leocádio** – Foi, até se aposentar, não é?

**Elodia Lebourg** – E foi aqui neste trecho?

**Geraldo Leocádio** – Foi nesse trecho de Miguel Burnier<sup>8</sup> a Ponte Nova<sup>9</sup>.

---

<sup>1</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Estrada de Ferro Central do Brasil.

<sup>3</sup> A Estrada de Ferro Leopoldina passou a comandar este trecho a partir da década de 1970.

<sup>4</sup> Atividades relacionadas à conservação da Via Permanente.

<sup>5</sup> Apelido de locomotiva movida a vapor.

<sup>6</sup> Profissional responsável por operar a locomotiva.

<sup>7</sup> Profissional responsável por ajudar o maquinista em funções complementares ao seu serviço.

<sup>8</sup> Distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

<sup>9</sup> Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

**Elodia Lebourg** – O senhor tem alguma lembrança desse período? O senhor deveria ser criança, adolescente. Tem alguma lembrança das estações, desse trecho?

**Geraldo Leocádio** – Lembro. Lembro-me da Estação, do trem correndo, da Maria Fumaça antes. Depois passou para essa outra locomotiva aí. Eu tenho a lembrança.

**Elodia Lebourg** – E chegou a andar de trem?

**Geraldo Leocádio** – Andei, muitas vezes! A família da minha mãe morava em Acaiaca e a gente ia de trem de Rodrigo Silva<sup>10</sup> para Acaiaca<sup>11</sup>. Em férias, não é? E, quando eu comecei a estudar em Ouro Preto também, a gente vinha de trem para a escola.

**Elodia Lebourg** – Vinha todo dia de trem?

**Geraldo Leocádio** – Todo dia. Depois que parou o trem, nós começamos a viajar de ônibus.

**Elodia Lebourg** – Onde o senhor estudou, em Ouro Preto?

**Geraldo Leocádio** – Eu estudei no Colégio Alfredo Baeta<sup>12</sup> e no Arquidiocesano<sup>13</sup>.

**Elodia Lebourg** – Pegava o trem na Estação de Rodrigo Silva e descia aqui.

**Geraldo Leocádio** – Descia aqui.

**Elodia Lebourg** – Como era isto: pegar o trem todo dia?

**Geraldo Leocádio** – Era um passeio gostoso. Antes, era bom demais, era divertido.

**Elodia Lebourg** – A viagem demorava?

**Geraldo Leocádio** – Demorava uns 45 minutos, uma hora, mais ou menos.

**Elodia Lebourg** – A sua mãe trabalha com o quê?

**Geraldo Leocádio** – Minha mãe é dona de casa.

**Elodia Lebourg** – O senhor tem irmãos?

**Geraldo Leocádio** – Tenho irmãos. Nós somos oito... Sete irmãos.

**Elodia Lebourg** – É o senhor e mais sete?

**Geraldo Leocádio** – Eu e mais sete.

---

<sup>10</sup> Por Rodrigo Silva passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O distrito possuía uma estação ferroviária.

<sup>11</sup> Por Acaiaca passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

<sup>12</sup> Escola Estadual Alfredo Baeta.

<sup>13</sup> Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto.

**Elodia Lebourg** – Qual profissão eles seguiram?

**Geraldo Leocádio** – Eu tenho um irmão que, até há pouco tempo, também era garimpeiro; hoje ele tem uma van que presta serviço para a Prefeitura. Outro irmão trabalha na Mannesmann<sup>14</sup>, é engenheiro.

**Elodia Lebourg** – Na Mannesmann?

**Geraldo Leocádio** – É, de agrimensura. E minhas irmãs são professoras. Duas professoras e uma dona de casa. E uma já faleceu.

**Elodia Lebourg** – Todos vocês passaram por essa rotina de vir para Ouro Preto de trem para assistir à aula?

**Geraldo Leocádio** – Não. Só eu, que sou o mais velho, ainda passei, por pouco tempo. Agora, os outros, quando vieram para cá já...

**Elodia Lebourg** – Vinham de ônibus.

**Geraldo Leocádio** – É, vinham de ônibus. Acabou também o trem de passageiro, ficou só o trem de carga, transportava só a carga, não é? Por isso nós passamos a viajar de ônibus para cá, para a escola.

**Elodia Lebourg** – Senhor Geraldo, o senhor exerceu alguma profissão antes de trabalhar com garimpo?

**Geraldo Leocádio** – Eu tive. Eu fui comerciante, tinha um pequeno bar. Na época, eu já mexia com garimpo e esse barzinho.

**Elodia Lebourg** – Onde esse bar funcionava?

**Geraldo Leocádio** – Funcionava em Rodrigo Silva.

**Elodia Lebourg** – Isso foi mais ou menos em que época?

**Geraldo Leocádio** – Foi em 1973, 1974. Quando eu comecei a mexer com garimpo, eu comecei a mexer com barzinho também.

**Elodia Lebourg** – Por quanto tempo o senhor trabalhou com o bar?

**Geraldo Leocádio** – Com o bar eu fiquei por uns 10 anos. Agora, com o garimpo foi de 1973 a 1997, quando eu parei assim... Parei não. Eu estou parado tem um ano. Eu consegui esse emprego na Prefeitura, na Câmara<sup>15</sup> aqui. Aí eu fiquei mexendo com o garimpo... Mas mais no serviço aqui da Câmara.

---

<sup>14</sup> Mannesmann S/A, conglomerado industrial que atua nas áreas de engenharia, automóveis, telecomunicações, tubos e derivados.

<sup>15</sup> Câmara Municipal de Ouro Preto.

**Elodia Lebourg** – Por que o senhor optou pelo garimpo, por trabalhar como garimpeiro?

**Geraldo Leocádio** – A região nossa lá é uma região de garimpo e não tinha nenhuma opção assim... Eu não quis seguir os estudos. Quando tirei o segundo grau no Arquidiocesano, eu prestei um vestibular, passei, mas não quis seguir os estudos. Aí fui para o garimpo. Fui para Goiás, na época, mexer com esmeralda.

**Elodia Lebourg** – Para Goiás?

**Geraldo Leocádio** – É. Uma lavra de esmeralda em Goiás. De lá eu voltei e já fiquei em Rodrigo Silva. Gostei de mexer com as pedras, porque na época era uma coisa que dava dinheiro. Aí fiquei.

**Elodia Lebourg** – Esse vestibular que o senhor prestou foi para quê?

**Geraldo Leocádio** – Para Direito, em Lafaiete<sup>16</sup>.

**Elodia Lebourg** – Como surgiu essa oportunidade de ir para Goiás?

**Geraldo Leocádio** – Uma pessoa que eu conheci no garimpo em Rodrigo Silva, um pessoal de Itabira<sup>17</sup>, que já mexia com uma lavra de esmeralda em Itabira. Me fez um convite para entrar como sócio em uma lavra em Goiás, e nós estivemos lá. Nós fomos para lá.

**Elodia Lebourg** – O senhor foi trabalhar com uma firma, com uma empresa ou com ele?

**Geraldo Leocádio** – Não, eu fui trabalhar como sócio de mais duas pessoas.

**Elodia Lebourg** – Por quanto tempo?

**Geraldo Leocádio** – Eu fiquei lá por quatro meses. Aí, na época, os garimpeiros – o pessoal que eu levei daqui – ficaram com medo da violência com a qual não estavam acostumados. O garimpo aqui, na nossa região, é um garimpo pacífico, e lá tinha muita violência, tinha muito homicídio no garimpo. Eles ficaram com medo e quiseram voltar. Os garimpeiros que eu levei para lá eram da nossa região aqui. Eles não estavam acostumados com aquele garimpo violento. Aí nós voltamos. Eu voltei e fiquei, até 1997, só mexendo com garimpo.

**Elodia Lebourg** – Aproximadamente, quantos foram para Goiás nessa época?

---

<sup>16</sup> Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais.

<sup>17</sup> Município de Minas Gerais.

**Geraldo Leocádio** – Para Goiás, nós fomos cinco pessoas, garimpeiros, porque eu também sou considerado garimpeiro, eu fui trabalhar. E dois sócios que ficavam dando aquela cobertura em dinheiro para a gente, para manter o garimpo lá.

**Elodia Lebourg** – O que é um garimpo?

**Geraldo Leocádio** – Um garimpo? O garimpo é o seguinte... Vou falar o que é o garimpeiro: é aquela pessoa que não tem condições de fazer uma firma, aquela pessoa igual a mim, que na época não tinha condições de ser um empresário, o dono de uma firma. Você começa a mexer... Você junta uns colegas e entra em uma área de serviço, todo mundo trabalhando e por aí... Isso é um garimpo, um serviço, é claro, da pedra, não é? Como nesta região aqui. Eu mexi muito com topázio imperial, que tem em Rodrigo Silva e na nossa região ali, Dom Bosco<sup>18</sup>, não é? Esse garimpo de topázio, não sei se você sabe, é em uma área de 70 quilômetros. No Brasil, só dá o topázio imperial de Antônio Pereira<sup>19</sup> a Miguel Burnier. É uma pedra rara.

**Elodia Lebourg** – Mas o topázio imperial existe em outros lugares do mundo?

**Geraldo Leocádio** – Tem em outro país. Não sei qual é o outro país onde ele é explorado. Só que hoje ele ficou muito profundo e eles não estão... Só aqui mesmo, nesta região, tem essa pedra. E não é uma pedra preciosa! É semipreciosa.

**Elodia Lebourg** – Existe alguma diferença entre garimpar e minerar?

**Geraldo Leocádio** – Não existe, não. Garimpar e minerar são a mesma coisa. Tem diferença entre um garimpo primário, que são as lavras, e um garimpo secundário, que é aluvião. O aluvião é o que já desceu. Eles falam “dilúvio”, não é? A maior parte do pessoal desta região faz esse garimpo de aluvião.

**Elodia Lebourg** – Que é esse secundário.

**Geraldo Leocádio** – Esse secundário.

**Elodia Lebourg** – O aluvião é aquele que desceu da lavra.

**Geraldo Leocádio** – Que desceu das lavras. Isso aí há milhares de anos que você...

**Elodia Lebourg** – Existe diferença de um para o outro em relação à qualidade?

---

<sup>18</sup> Região próxima a Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, onde existe o Colégio Dom Bosco.

<sup>19</sup> Distrito de Ouro Preto.

**Geraldo Leocádio** – Da pedra ou do garimpo?

**Elodia Lebourg** – Do garimpo primário para o secundário.

**Geraldo Leocádio** – Existe. No primário, você vai tirar ali na fonte. É a mesma coisa que você pegar... Você vai minerar ali, vai tirar a pedra, ela vai dar em quantidade. Igual a essa pedra de topázio: você acha o que eles falam “bucho”. Você acha muita pedra junta. No de aluvião, você acha uma pedra aqui, você vai achar outra pedra aí depois de muito tempo, sabe? A diferença é esta: na lavra você vai achar uma quantidade e no aluvião você vai... Dá uma pedra e daí a uns dois, três metros, dá outra pedra, sabe? Ela dá assim em...

**Bernardo Andrade** – Na lavra é mais concentrado?

**Geraldo Leocádio** – Concentrado.

**Elodia Lebourg** – O topázio, que é encontrado na lavra, é melhor?

**Geraldo Leocádio** – Não.

**Elodia Lebourg** – Ele é só mais concentrado?

**Geraldo Leocádio** – Mais concentrado. A qualidade é a mesma.

**Elodia Lebourg** – O senhor saberia me dizer sobre a origem dos garimpos em Ouro Preto?

**Geraldo Leocádio** – A origem? O garimpo aqui vem desde o ouro. Eu acho que o primeiro garimpo foi do ouro, garimpado pelos escravos, não é? Foi na época do Dom Pedro<sup>20</sup>, que levou esse ouro daqui. Esse garimpo é o que a gente tira nos aluviões. Esse garimpo de ouro, às vezes... Restos, até restos dos escravos. No lugar que foi passando... No lugar mais fácil mesmo, eles fizeram, ainda mais quando tinha... Nesse garimpo de aluvião, aqui de Rodrigo Silva, você acha ouro nele também, mas a maior parte do ouro os escravos já tiraram, não é? E as melhores pedras. Nesse garimpo de aluvião, você não acha uma pedra muito boa, uma pedra de valor assim muito alto; por onde os escravos passaram, eles só deixaram aquelas pedras menorzinhas. Acho que a origem vem dos escravos, vem lá do Império<sup>21</sup>.

**Elodia Lebourg** – No caso de exploração de ouro, tem também garimpo primário e secundário?

**Geraldo Leocádio** – De ouro?

**Elodia Lebourg** – É.

---

<sup>20</sup> O entrevistado se enganou: a exploração aurífera começou na virada do século XVII para o XVIII.

<sup>21</sup> A exploração de ouro, em Minas Gerais, começou no período colonial.

**Geraldo Leocádio** – Tem. Tem o de aluvião e o que você tira direto na mina, na lavra. Mas, nesta região nossa, é mais aluvião.

**Elodia Lebourg** – Mas por que será? Não se encontram as lavras, é isso?

**Geraldo Leocádio** – Porque as lavras, eu acho que não... Os escravos devem ter tirado, devem ter descoberto as lavras. Não sei, mas deve ter muita lavra ainda, encoberta ainda. O garimpo aqui eu acho que... Esse garimpo nosso não foi descoberto ainda. Descoberto assim... São poucos garimpeiros. Na região nossa, a gente deve ter uns 300 garimpeiros, uns 400 garimpeiros, de Antônio Pereira até Miguel Burnier. E a maior parte das lavras está encoberta ainda. Quem tira são só os donos das minerações e são poucas que têm registro. É a Vermelhão<sup>22</sup> aqui. Rodrigo Silva tem duas firmas...

**Elodia Lebourg** – Quais?

**Geraldo Leocádio** – A Topázio Imperial<sup>23</sup> e a Top Trim<sup>24</sup>. Tem a Vermelhão aqui. Antônio Pereira nem firma tem. O resto que o pessoal está descobrindo... São os garimpeiros que descobrem. Eles descobrem, mas não podem... Vem o pessoal do Meio Ambiente<sup>25</sup> e os tira, prende, tira... Eles não podem lavar como o pessoal que tem firma pode.

**Elodia Lebourg** – Por que não podem?

**Geraldo Leocádio** – Porque não têm... O garimpeiro igual à gente mesmo é... Você não tem condições de montar uma estrutura. E para montar um garimpo, uma lavra, ou seja, montar uma firma, fica caro. Você tem que pagar geólogo, pagar o serviço de geologia; tem que pagar o jurídico, os advogados, para fazer os documentos. Isso aí não é barato. Você tem que ir ao DNPM<sup>26</sup>, você tem que registrar, você tem que pagar o FEAM<sup>27</sup>... Aí não fica barato. É só o pessoal que tem... Como em Rodrigo Silva: duas firmas. Eles já têm mais poder, não é?

**Elodia Lebourg** – Mas o senhor considera que essas firmas de mineração, que existem na região, têm capacidade para explorar esse potencial, essas jazidas que o senhor falou que existem? Que ainda não são...

---

<sup>22</sup> Mina do Vermelhão, dedicada à exploração de topázio imperial. Localizada em Saramenha, bairro de Ouro Preto.

<sup>23</sup> Topázio Imperial Mineração, mina de topázio imperial. Localizada em Rodrigo Silva.

<sup>24</sup> Até o momento, não foi possível obter informações sobre a firma citada.

<sup>25</sup> Refere-se aos órgãos governamentais relacionados à legislação, preservação e fiscalização do meio ambiente.

<sup>26</sup> Departamento Nacional de Produção Mineral.

<sup>27</sup> Federação Estadual Ambiental.

**Geraldo Leocádio** – Para explorar tudo, eu acho que eles não têm. Acho que não é do interesse deles também. Não sei se os filhos vão ficar... Porque vai passar essa geração deles aí e não se vai explorar tudo. Só que eles não abrem mão para... Quem tem as áreas requeridas não cede para outra pessoa, não ajuda outro a montar uma firma, uma estrutura. A gente está tentando montar uma associação de garimpeiro. Tem um ano que ela está parada, porque você vai até um certo ponto, dali para lá você não consegue mais. Você acha que já está resolvendo uma coisa, tem outro obstáculo. Aí você tem... Agora o pessoal do Meio Ambiente está olhando; a promotora, Doutora Paula<sup>28</sup>, também está vendo como você deve explorar. A coisa fica difícil.

**Elodia Lebourg** – Em que consiste essa associação de garimpeiros? Qual é o seu objetivo?

**Geraldo Leocádio** – O objetivo é ver se esse pessoal... Hoje, tem muita gente de Rodrigo Silva que depende do garimpo, que está passando necessidade mesmo com a pedra lá dentro de Rodrigo Silva. Mas isso também... No início... Essa associação, uma cooperativa de garimpeiros, já era para ter acontecido há mais tempo; só que eles deixaram... Agora a fiscalização está maior. O pessoal do Meio Ambiente – com essas coisas de degradação que estão acontecendo no mundo, no Brasil – fiscaliza mais e toda semana tem garimpeiro aqui na delegacia. Traz para cá, fica aqui, paga uma multa. Aí ele volta, volta para o garimpo outra vez, porque não tem nada para fazer. Aí fica trabalhando... Não dá para fazer um serviço, uma garimpagem assim legal. Você fica só correndo da polícia: você trabalha em um dia; no outro dia, eles falam que a polícia vai; ninguém vai ao garimpo. E o pessoal depende... Eu mesmo sou um que estou tentando legalizar essa associação. Mas está parada já há uns tempos. Estou tentando através da Câmara, não é? Já fizemos reunião até com deputado... Ano de eleição tem bastante gente; depois vai desaparecendo. Agora mesmo a gente está precisando de uma pessoa, o pessoal do DNPM, para olhar as áreas. Outra coisa também que acontece na região... Vou tomar uma água aqui.

**Elodia Lebourg** – À vontade.

---

<sup>28</sup> Promotora Paula Aires de Lima, então responsável pela Curadoria de Defesa do Meio Ambiente, em Ouro Preto.

**Geraldo Leocádio** – Vêm pessoas mais poderosas... Um engenheiro de Belo Horizonte<sup>29</sup> requereu quase todas as áreas de garimpo de Rodrigo Silva. Aqui, na área do topázio imperial, essa Top Trim é dele. Ele, agora, quer entrar nessa associação de garimpeiro, mas a promotora falou que não pode, que ele é empresário, tem que montar uma firma. Só que ele não quer ter esse gasto com essa firma; ele quer usar os garimpeiros. Isso aí é que começou a barrar, agora, a documentação da associação, porque ele tem as áreas requeridas e não cede as áreas para a associação.

**Elodia Lebourg** – Ele provou que era proprietário dessas terras? Como é isso?

**Geraldo Leocádio** – Não. Ele requereu o subsolo. Porque o subsolo não... O solo tem dono, o subsolo não tem<sup>30</sup>. A pessoa pode chegar ao DNPM e requerer um alvará de pesquisa: aí aquela área fica sendo dele. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]

**Elodia Lebourg** – Essa associação de garimpeiros é uma forma de dar esse respaldo para vocês, de tornar um pouco mais legal a profissão do garimpeiro?

**Geraldo Leocádio** – É, senão... Igual à promotora, ao pessoal que vem aí... Sempre vem um secretário de Meio Ambiente fazer reunião com a gente. Hoje, se não tiver uma associação... Um garimpeiro não consegue organizar. Não conseguiu até hoje! Não consegue organizar. Agora, pela associação, nós conseguimos: a Universidade<sup>31</sup> está dando os geólogos. O professor Hernani<sup>32</sup> se dispôs, já foi lá, fez o levantamento das áreas... Eles vão dar o serviço de geologia de lá. A Prefeitura dá o jurídico, a Câmara ajuda a gente. A Prefeitura, a Câmara e uns políticos que estão querendo também. Agora eles desapareceram. Vamos ver se a gente consegue outra vez trazer... Se não conseguir este ano... Eu também não vou mexer com isso mais, vou deixar essa associação. Deixa do jeito que está lá, em Rodrigo Silva, até o pessoal na... Fizemos reunião lá. Acho que seu pai<sup>33</sup>, o Flávio... Não sei se ele foi a essa. Ele viu que o pessoal já está passando dificuldade, porque o garimpo está parado, está praticamente parado.

---

<sup>29</sup> Capital de Minas Gerais.

<sup>30</sup> O subsolo pertence à União.

<sup>31</sup> Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>32</sup> Hernani Mota de Lima, professor do Departamento de Engenharia de Minas, da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>33</sup> Refere-se ao pai do monitor Bernardo Andrade, Flávio Andrade, vereador em Ouro Preto.

**Elodia Lebourg** – Há quanto tempo vocês estão tentando implantar essa associação?

**Geraldo Leocádio** – Essa associação? Já tem um ano.

**Elodia Lebourg** – Tem um ano que ela está parada, não é?

**Geraldo Leocádio** – Não, tem um ano que a gente está tentando organizar, sabe? Você vai, você faz uma coisa, já está registrada, já está tudo... Na Câmara, nós fizemos uma audiência pública sobre esse garimpo de Rodrigo Silva. A promotora Doutora Paula, que é do Meio Ambiente, falou assim: “Quando vocês tiverem um documento, uma associação já registrada, eu vou abrir mão de umas áreas para vocês trabalharem”. Isso aí eu acho que chegou... Depois ela foi ver. As áreas que os garimpeiros tinham assim... O pessoal tinha... As melhores áreas de garimpo já estavam tomadas por esse Ricardo<sup>34</sup>, esse que veio de Belo Horizonte e requereu. Na última reunião que nós tivemos com a promotora, ela falou assim: “Tem esta área aqui. Vocês têm interesse?” Mostrou para a gente no mapa. Aí nós fomos lá, até com o professor Hernani, para fazer o levantamento da área. Na hora que chegou ao DNPM, o rapaz já tinha adquirido essa área. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]

**Bernardo Andrade** – Ele paga para requerer esse pedaço de terra?

**Geraldo Leocádio** – Paga. Mas isso aí é um alvará de pesquisa.

**Elodia Lebourg** – Não é de exploração.

**Geraldo Leocádio** – Não, você não pode explorar. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]

**Elodia Lebourg** – A partir da criação dessa associação, vocês, como garimpeiros... Como vocês fazem para estabelecer essas áreas onde podem garimpar? Como o senhor falou, tem muita área que já é propriedade de mineradores...

**Geraldo Leocádio** – É.

**Elodia Lebourg** – ... ou no caso dessa pessoa... O que é? Qual é o passo para se resolver isso?

**Geraldo Leocádio** – Olha, a coisa é que antes... Quando nós fizemos a associação, a gente achava que tinha muita área. A gente achava que as áreas em que estávamos garimpendo estivessem livres. Só que não estavam. O que

---

<sup>34</sup> Ricardo Norberto.

tinha que ter sido feito antes era requerer essas áreas, para depois fazer até a associação, alguma coisa, uma pessoa... Na hora em que fomos olhar no DNPM, está tudo requerido. Tem um empresário em Rodrigo Silva, o Edmar<sup>35</sup>, que está ajudando a gente nessa associação. Ele dá algumas de suas áreas. Só que a gente não está conseguindo já... Também a área que ele está passando para a associação não dá para todos os garimpeiros da região. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]

**Elodia Lebourg** – O alvará de pesquisa, que essa pessoa adquiriu, tem validade?

**Geraldo Leocádio** – Tem.

**Elodia Lebourg** – Isso acaba em um momento.

**Geraldo Leocádio** – Acaba.

**Elodia Lebourg** – Qual a validade disso?

**Geraldo Leocádio** – Dizem que a validade é de dois anos. Se ele não explorar nesses dois anos, perde a validade. Isso aí a gente também está esperando. Inclusive, uma das terras que ele requereu é da minha família. Foi do meu pai, deixou... Era onde eu explorava o garimpo. Meu garimpo era nessa terra que é minha, é da minha família. Era do meu pai, faleceu; minha mãe faleceu. Ficou para os irmãos, mas os outros seis não têm interesse de... Nesse garimpo, ficávamos eu e outro irmão.

**Elodia Lebourg** – Então, uma pessoa pode pedir um alvará de pesquisa relacionado ao subsolo, mas em uma terra que tem um proprietário?

**Geraldo Leocádio** – Pode.

**Elodia Lebourg** – Esse proprietário não tem direito a nada, relacionado a isso?

**Geraldo Leocádio** – Não, aí...

**Elodia Lebourg** – Ele tem que permitir que alguém pesquise o subsolo dele?

**Geraldo Leocádio** – Aí eu não sei. Eles falam que o proprietário tem... Igual a esse Ricardo: se ele for explorar, ele tem uma porcentagem, que eu não sei de quanto. Não sei quanto é pela lei. O proprietário tem direito. [Trecho retirado por solicitação do entrevistado]

**Elodia Lebourg** – Aproximadamente, quantos garimpeiros estão envolvidos no processo de criar a associação.

---

<sup>35</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

**Geraldo Leocádio** – A associação? Uns 250 garimpeiros. Você deve ter feito... Você já fez entrevista com... O que você falou aí<sup>36</sup>, daqui de Saramenha. Tem de Saramenha... Também esse pessoal explora lá em Rodrigo Silva. Eles falam Barraginha<sup>37</sup>, porque a extensão de garimpo lá é bem grande, deve ser uns 10 quilômetros mais ou menos, nas margens de um rio onde eles exploram pedra e... De Saramenha, Rodrigo Silva e Cachoeira do Campo. Até de Itatiaia<sup>38</sup>. Itatiaia está do outro lado, aquele rio que passa... O pessoal vai entrar nessa associação com a gente.

**Elodia Lebourg** – Eu queria saber como o senhor aprendeu o ofício de garimpeiro?

**Geraldo Leocádio** – De garimpeiro? Oh, Rodrigo Silva... Desde quando eu era criança, depois da escola ia... Quando chovia, o pessoal descia – lá passa um rio –, ia com uma enxadinha e ia puxando de dentro do rio. Achava as pedras porque, na época, descia muito das lavras. O pessoal jogava para limpar... Antes não tinha maquinário como hoje, trator, esses negócios. Eles jogavam água dentro das lavras para tirar aquele excesso de terra. Daquela terra ali saía pedra e ia para dentro do rio. Em Rodrigo Silva, todo mundo – homem, mulher, menino – ia para a beira do rio. Quando dava aquela chuva forte à noite, de manhã estava todo mundo lá. Uns olhando por cima, olhando para catar as pedras; outros ficavam dentro d'água com aquela enxada. Desde essa época, nós começamos. E a pedra, não é? Aí começou... Naquela época, pouca gente comprava, mas mesmo assim dava um dinheirinho. Com isso, ficou. Em Rodrigo Silva, todo mundo... Se vocês forem a Rodrigo Silva e perguntarem, toda casa tem um garimpeiro. Porque começou de pai para filho. Meu pai não, meu pai foi ferroviário. Mas depois começou a mexer com esse garimpo também.

**Elodia Lebourg** – Quando ele se aposentou?

**Geraldo Leocádio** – Depois que ele se aposentou. Aí começou a levar a gente para o garimpo. Foi nisso aí que ficou... Nós perdemos nosso tempo, eu podia ter me formado em alguma coisa em uma faculdade, parar de mexer com pedra lá... E hoje estou aí, trabalhando aí.

---

<sup>36</sup> Refere-se a Raimundo Aloísio Mendes, entrevistado pelo Vale Registrar.

<sup>37</sup> Córrego próximo à região de Ouro Preto e Ouro Branco.

<sup>38</sup> Distrito de Ouro Branco.

**Elodia Lebourg** – É preciso ter algum tipo de habilidade especial para poder garimpar?

**Geraldo Leocádio** – Não, tem que ter é braço forte [riso] e energia, porque o serviço é muito pesado! Igual ao pessoal de Rodrigo Silva: não sei como não tem mais gente doente lá, de reumatismo, porque é muita friagem que se apanha! Fica dentro d'água... Pessoas ficam o dia todo dentro d'água, todas molhadas, para tirar... Ainda tem esse garimpo. Até hoje ainda tem o garimpo de enxada, como eles falam: tirando na beira do rio, pá, enxada, jogando e olhando, catando ali aquela... Até hoje o pessoal ainda faz isso. De uns tempos para cá é que melhorou, com umas draguinhas. Antes era tudo artesanal, tudo na pá, e estava no garimpo mesmo quem... Todo mundo ia: mulher, menino... Tem um tempo que eu não vou lá nessa época de chuva. Acho que agora está descendo pouco, mas antes... Chovia à noite, de manhã você via o pessoal descendo para a beira do rio. E era uma fonte de renda em Rodrigo Silva. Era a ferrovia e... O pessoal que não era ferroviário era garimpeiro. Rodrigo Silva estava lá praticamente dentro de uma lavra. Tanto que quando foi fazer a rede de esgoto em Rodrigo Silva, o pessoal tirou pedra dentro da rua, fazendo rede fluvial, rede de esgoto. Quer dizer, Rodrigo Silva está dentro de uma lavra. Todo mundo que morou em Rodrigo Silva – você pode perguntar – já foi garimpeiro, não é?

**Elodia Lebourg** – Que tipo de ferramenta, de material, se usa para garimpar topázio?

**Geraldo Leocádio** – Topázio? Pá, picareta... Dentro do garimpo mais pesado que não é de rio, que é de aluvião, é aquela alavanca, não é? Uma peneira para você lavar o... Porque sai o cascalho, uma areia misturada com pedra, com cascalho. Você lava aquele material com uma peneira, uma peneira mais fina para separar, para você achar o topázio.

**Elodia Lebourg** – Para que serve essa alavanca?

**Geraldo Leocádio** – Para tirar aquelas pedras maiores. Dentro do rio, às vezes, aquelas pedras grandes você não consegue tirar com a picareta. Com alavanca é mais fácil mover aquelas pedras.

**Elodia Lebourg** – Na lavra ou no aluvião, tem diferença de ferramenta?

**Geraldo Leocádio** – Tem. A lavra você já não gasta essa... É só picareta, um enxadão para você cortar, porque a terra é mais macia. Na lavra, você vai

mexer mais com terra, você vai seguir um veio, tipo um... Vamos supor, esta parede branca<sup>39</sup>: um veio assim, uma linha de outra cor, roxa ali; você vai seguindo aquilo para encontrar o bucho da pedra, onde você acha a concentração maior, mais quantidade de pedra. Isso na lavra. Agora, no aluvião, você vai tirar, às vezes, no lugar em que já deu a terra em cima. Você tira aquela terra, você achou o cascalho. Você tira aquele cascalho e lava porque o topázio está dentro daquele cascalho.

**Elodia Lebourg** – Dependendo do tipo de mineral que se procura, mudam também as ferramentas?

**Geraldo Leocádio** – Como assim?

**Elodia Lebourg** – Por exemplo, o senhor me explicou as ferramentas usadas para topázio.

**Geraldo Leocádio** – Topázio.

**Elodia Lebourg** – Em outros garimpos, de esmeraldas que o senhor já citou, de ouro... Mudam?

**Geraldo Leocádio** – Não, a mesma coisa. O garimpo de esmeralda é idêntico ao de topázio. Você acha também na... Tem a lavra e tem o lugar em que ele desceu, no aluvião. É a mesma ferramenta. Hoje não. Hoje uma parte do pessoal já está usando, em Rodrigo Silva mesmo, uma draguinha, uma bomba de sucção: suga aquele cascalho misturado com a água e já joga dentro de uma peneira. Uma pessoa que tem mais condições. Agora, a maior parte ainda está desse jeito, na picareta, na pá, e lavando. Enche aquele carrinho que pedreiro usa, põe ali dentro, joga na peneira e joga água para lavar. E ali você separa o material.

**Elodia Lebourg** – Como é escolhido o local de garimpo? Que tipo de observação é feito para escolher o veio?

**Geraldo Leocádio** – Para escolher esse garimpo? O garimpo de... Eu vou falar de aluvião. Você vai olhar o lugar, nas margens do rio. Você vai entrar, às vezes, em um barranco e vai seguindo aquele veio de cascalho e... O topázio concentra mais no cascalho mais pesado, mais minerado, misturado com minério. Se você achar um cascalho misturado com um material mais leve, com argila, aí você já não acha topázio. O topázio é uma pedra pesada; ele mistura no meio do minério. Um cascalho mais pesado e, de preferência, um cascalho

---

<sup>39</sup> Indica uma das paredes da Sala de Histórias.

rolado, em forma de uma bola, daquelas bolinhas de cristal, daquele negócio assim. Você segue aquela formação.

**Elodia Lebourg** – No caso do aluvião.

**Geraldo Leocádio** – Do aluvião.

**Elodia Lebourg** – Ele vai estar em uma área de rio, de riacho...

**Geraldo Leocádio** – Às margens do rio.

**Elodia Lebourg** – Tem questão relacionada com profundidade?

**Geraldo Leocádio** – Pode estar profundo.

**Elodia Lebourg** – Pode acontecer.

**Geraldo Leocádio** – É, tem lugar onde você acha cascalho debaixo de uns 10 metros de terra. Você tira uns 10 metros de terra para achar uns 20 centímetros de cascalho. E naquele cascalho você... Na nossa região, esse aluvião mais fácil já foi todo tirado. Você acha mais nesses mais fundos ou, senão, no leito do rio mesmo. Você passa ali e vai afundando. Às vezes, no leito do rio, você afunda uns 10 metros de cascalho para chegar lá embaixo: eles falam piçarra, um lugar onde já não tem mais cascalho, depois daquela terra ali. É um material mais duro. Uns chamam de piçarra, moledo – fica no fundo do rio. Você vai até aquele lugar.

**Elodia Lebourg** – Como você faz essa exploração?

**Geraldo Leocádio** – Essa você já gasta... Com draga. Você já não vai manual.

**Elodia Lebourg** – [inaudível]

**Geraldo Leocádio** – É. E você costuma... Você começa a furar em um rio. Você encontra muita coisa dos escravos. Eu já achei até cachimbo, esses cachimbinhos de pedra, o material deles mesmos de... Uma cerca que eles fizeram. Aí você vê que aqui já teve... Uma madeira mesmo, no fundo do rio, você acha. Naquele lugar por onde você passa, o pessoal fala: “Os escravos já passaram por aqui”. Mas por aquele lugar mais fundo eles não passaram, porque na época não tinha... Eles não tinham uma mangueira, não tinham uma bomba que puxasse a água.

**Elodia Lebourg** – O senhor garimpava com draga?

**Geraldo Leocádio** – Eu garimpei com draga. Garimpei manualmente e já garimpei com draga. Inclusive eu até tenho draga em casa, parada.

**Elodia Lebourg** – O que se observa para escolher um local de lavra?

**Geraldo Leocádio** – De lavra? De lavra a pessoa pega já... Você consegue... O garimpeiro, para descobrir uma lavra, vê o terreno. É diferente, a terra é diferente. A terra de lavra é uma terra mais sedosa, mais oleosa. Você passa a mão nela, parece que ela contém um óleo. É uma terra diferente. Não é uma terra assim comum. Você chega a uma lavra, você vê que é uma terra... É um amarelo tipo uma gema de ovo: uma terra sedosa; você passa a mão assim<sup>40</sup> e esfarinha a terra. Bem diferente! Também o lugar onde ficam as pedras... Você vai achar um veio de topázio. Você começa a furar nessa terra, chega a essa terra mais sedosa, vai procurando. Aí tem um filão que é um veio assim, uma terra diferente. Você está em uma terra, às vezes, amarela. Aí aparece um filete roxo. Você vai seguindo – ali é a linha da pedra – para você chegar onde está o topázio. E outras pedras também. A esmeralda é quase a mesma coisa.

**Elodia Lebourg** – Descoberto o local para garimpar, quais são as etapas seguintes de um garimpo, no caso de topázio?

**Geraldo Leocádio** – Quando se descobre?

**Elodia Lebourg** – Qual é o próximo passo?

**Geraldo Leocádio** – Você descobriu, você acha que ali tem um topázio. Você vai furar. O nosso garimpo aqui, eles falam garimpo a céu aberto. É um buraco aberto. Você faz um buraco e vai procurando a linha da pedra. Já o garimpo de esmeralda, o pessoal costuma entrar de túnel: eles entram aqui e saem lá, debaixo do outro morro; vão furando por baixo, só tirando onde está a linha da pedra. Mas, na nossa região, a terra do topázio é uma terra assim... Ela quase não agüenta muito túnel. Você tem que escorar muito, porque a terra é muito solta. Se você fizer um túnel, aí desmorona. Não sei se eu estou te explicando certo isto aí.<sup>41</sup> Mas o procedimento é este: você achou o lugar, furou e seguiu a linha para ver onde está essa... Costuma também você furar ali e não achar nada, não é? Às vezes, você fura em um lugar e a pedra está em outro. Não tem aparelho nenhum que acusa. Hoje não. Hoje... Isso aí eu estou falando do garimpeiro. As lavras não. Nas lavras, eles pegam e lavam aquilo tudo, lavam de cima abaixo aí. Se tiver pedra ali, eles estão tirando mesmo, porque tem... Igual às lavras de Rodrigo Silva. Tem draga de arrasto, tem... Agora, o garimpeiro é só na picareta e pá, e jogando para fora aquela terra, tirando

---

<sup>40</sup> Demonstra com as mãos o movimento.

<sup>41</sup> A entrevistadora responde com um gesto que está compreendendo as respostas.

aquela terra que não serve, para procurar onde está a linha da pedra. Costuma também uma pessoa ficar em uma lavra, ficar um ano sem tirar uma pedra, porque ela não acha aquela linha. Às vezes, ele está indo para lá e a pedra está do outro lado; às vezes ficou para trás, ficou para o fundo. Às vezes, você está chegando perto da pedra e desiste; chega outra pessoa e com um dia tira a pedra. Fica um ano, seu capital acabou... Chega o outro, cava umas duas vezes e acha as pedras. Tem muito disso lá, com o garimpeiro.

**Elodia Lebourg** – O senhor trabalhou como garimpeiro por quantos anos?

**Geraldo Leocádio** – Uns 30 anos.

**Elodia Lebourg** – Nesses 30 anos, qual foi a evolução nesse processo, nessas maneiras de garimpar? Melhorou, ficou igual?

**Geraldo Leocádio** – Vou te falar que, na nossa região, o que melhorou um pouquinho foi de uns 10 anos para cá, porque eles colocaram draga. Mas são poucas. De 30 anos... Acho que está o mesmo garimpo. Há 30 anos e hoje, o garimpeiro está fazendo o mesmo serviço, usando a mesma ferramenta. Não evoluiu nada. Menos aqueles que compraram uma draguinha pequena, um motorzinho pequeno e colocaram ali. O resto está tudo... Não evoluiu nada. Você está usando a mesma ferramenta de 30 anos atrás.

**Elodia Lebourg** – Mas isso é só aqui na região ou é no garimpo de uma forma geral?

**Geraldo Leocádio** – Eu acho que é no garimpo de forma geral. Mesmo o que a gente vê na Serra Pelada<sup>42</sup>, de ouro... O mesmo garimpo, que eles faziam há 30 anos, é feito hoje. Quem melhorou foi só o empresário, que pode comprar aquele maquinário todo. Agora, o garimpeiro de 30 anos atrás é o mesmo de hoje: está fazendo o mesmo serviço, com a mesma ferramenta, tendo o mesmo desgaste físico que ele tinha há 30 anos.

**Elodia Lebourg** – Em quais lugares o senhor já garimpou?

**Geraldo Leocádio** – Oh, eu estive em Santa Terezinha de Goiás<sup>43</sup>, no garimpo de esmeralda. Foi por pouco tempo, quatro meses. O resto foi aqui, em Rodrigo Silva, Itatiaia, Barraginha, Dom Bosco... Na região de Rodrigo Silva eu fiquei a maior parte do tempo.

---

<sup>42</sup> Localizada no Pará e considerada, nos anos 1980, o maior garimpo a céu aberto do mundo.

<sup>43</sup> Município de Goiás.

**Elodia Lebourg** – Dentre esses que o senhor citou, algum lugar é melhor para garimpar topázio?

**Geraldo Leocádio** – Tinha a Barraginha. Até hoje ainda tem garimpeiro em Barraginha. Antes, foi o melhor lugar de garimpo de topázio, por onde eu passei. Foi esse lugar, Barraginha.

**Elodia Lebourg** – Por que o senhor fala que antes era Barraginha? Hoje não é?

**Geraldo Leocádio** – Não, hoje já estão muito explorados esses aluviões de lá. Ainda tem, mas o que tem para se tirar hoje você consegue tirar com draga, não é? No manual, como estou te falando, com a pá, picareta, como a gente fazia e até hoje eles fazem lá, está mais difícil. Mas tem garimpeiro ainda. Só que está mais difícil tirar a pedra... Para tirar o cascalho, tem muita terra em cima. Você depende muito da descarga, como eles falam: tirar aquela terra até chegar ao cascalho. O muro está muito alto e você demora mais tempo para tirar uma pedra. O garimpo bom de Rodrigo Silva hoje é o das lavras. Se a gente conseguisse hoje essa associação, a gente ia tentar entrar no garimpo de lavra, não de aluvião. Não só lá, como em Saramenha, onde tem o terreno da Novelis<sup>44</sup>, que tem pedra. Se conseguisse levar essa associação para frente, a gente ia ver se entrava em acordo com eles. Até a promotora já se propôs a ir conversar com o pessoal, com a diretoria da Novelis, para ver... Se eles não tiverem interesse na área... Porque o negócio deles é alumínio, não é pedra. Às vezes, se eles não tiverem interesse, podiam fazer um acordo com os garimpeiros. Lá e na região de Rodrigo Silva, com o Edmar, com os empresários, com outro pessoal que tem... Mesmo esse Ricardo, que requereu as áreas.

**Elodia Lebourg** – O senhor sabe me dizer o que é uma Área de Reserva Garimpeira?

**Geraldo Leocádio** – Oh, eu tive uma informação agora... Pela Constituinte<sup>45</sup> – nós já olhamos até com a promotora –, essa área garimpeira é uma área que os garimpeiros descobriram e que pertencia a eles. É igual a uma área indígena: a terra é deles. Só que isso só está no papel. Você vai e eles falam: “Não, a isso aí o garimpeiro não tem direito”. Se tivesse direito, nossa área aqui

---

<sup>44</sup> Novelis do Brasil Ltda., antiga ALCAN, fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto.

<sup>45</sup> Constituição da República Federativa do Brasil.

não pertenceria a esse Ricardo, que requereu. Pertenceria aos garimpeiros, sabe? Porque fomos nós que descobrimos e hoje, para trabalhar até legal – porque a gente queria trabalhar legal –, você não pode, porque tem o pessoal que requereu. Inclusive, esteve aí o secretário do Ministro das Minas e Energia, Doutor Cláudio Scliar<sup>46</sup>. Ele falou que nessas áreas de Coromandel<sup>47</sup>, não sei, eles já conseguiram. As áreas que eram de garimpeiro já voltaram para os garimpeiros. Agora, o nosso aqui ainda está... Vamos ver se, com a próxima reunião que vamos fazer, a gente consegue isso aí.

**Elodia Lebourg** – No caso de garimpar em uma área ilegal ou proibida por alguma razão, o que pode acontecer com o garimpeiro?

**Geraldo Leocádio** – Olha, ele pode ser preso, processado. É igual às áreas onde a gente está mexendo hoje. Ao meu terreno e da minha família eu não posso ir. Eu fiquei de férias, nem passear... Eu não estou indo, porque eu fui lá... Se eu passar lá... Se a polícia passar e pegar você na estrada, ela traz você para cá, te prende, porque é uma área garimpeira, não é? No dia em que eles foram me prender, não. Nesse dia eu estava garimpando, mas tinha pessoas passando, fazendo caminhada. No processo aqui, eu defendi, tirei essa pessoa, falei: “Não, ele estava fazendo caminhada.” “Mas no garimpo?” Eu falei: “É, ué! Fazendo caminhada, ué!”

**Elodia Lebourg** – A pessoa chegou a ser presa, então?

**Geraldo Leocádio** – Presa. Nós viemos todos para cá, para a delegacia, presos. Você vem preso igual a um marginal mesmo: eles jogam no caminhãozinho deles e trazem. Eu estou respondendo a dois processos: um, na Defensoria Pública, com a promotora; outro, no Fórum com a... Porque eu fui pego no garimpo. O processo do Meio Ambiente é igual a um processo por você matar uma pessoa. A mesma coisa, é o mesmo processo, até pior! Assim a promotora falou com a gente.

**Elodia Lebourg** – No caso dessa punição, o senhor é preso no momento, mas existe a possibilidade de permanecer presa uma pessoa que garimpa em uma área ilegal? Ou ela é presa e depois é apenas processada?

**Geraldo Leocádio** – Até hoje eles estão dando essa oportunidade de você ficar detido aqui e, à tarde, eles te liberam. Mas eu acho que vai chegar o

---

<sup>46</sup> Secretário Nacional de Geologia e Mineração do Ministério de Minas e Energia.

<sup>47</sup> Município de Minas Gerais.

tempo da pessoa chegar aí e eles não... Muitas pessoas não podem parar, porque dependem daquilo. O garimpeiro depende. Tem muito pai de família que depende daquele garimpo, daquela pedra, para tratar da família. Eles chegam, soltam-no aqui; no outro dia, ele mesmo volta. Aí, um fica trabalhando e o outro olhando se vem polícia. Se vier polícia, o pessoal corre. Os que agüentam correr correm; os que não agüentam, a polícia traz. Quando traz umas 10 pessoas, lá no garimpo correm mais de 100! Aqueles meninos mais novos que... Porque não estão todos juntos. Às vezes, você está em um lugar, o outro está um quilômetro para frente. Aquele que vai chegando primeiro... A polícia vai chegando e vai chegando e não dá tempo de avisar, da pessoa perceber que a polícia chegou. Aqueles vêm<sup>48</sup>. Esses são processados, os outros não. Tem pessoa que nunca veio aqui<sup>49</sup>; está lá garimpando, nunca veio. Agora, nesse processo, eles pediram para falar quantas pessoas, para recuperar essa área, porque depois tem que recuperar a área também. Eles tiram as fotos das áreas e depois você tem que... Você tem que levar um engenheiro florestal para olhar a área, tirar fotos... Para você recuperar, plantar, não é? O que você degradou, você tem que recuperar. Nesse processo, tem um garimpo onde 200 pessoas degradaram; tem 10 pessoas para recuperar. Esse processo está lá e são 10 pessoas para recuperar essa área todinha.

**Elodia Lebourg** – No caso de ter a associação, o garimpeiro tem que recuperar ou...?

**Geraldo Leocádio** – Não, quem vai recuperar é esse garimpeiro que foi preso.

**Elodia Lebourg** – Ah, entendi!

**Geraldo Leocádio** – Aquele que não deu conta de correr, não é? Porque o cara sai quebrando mato mesmo! Chega em casa machucado, por correr no meio das matas quando a polícia chega.

**Elodia Lebourg** – Além desse tipo de situação, que outro tipo de problema pode acontecer em um garimpo? Acidente, invasão do garimpo por outras pessoas...

**Geraldo Leocádio** – Não, isso aí não. Aqui, nesta região, não tem muita invasão, não. Também é difícil ter acidente. Acho que eu não me lembro de ter

---

<sup>48</sup> No sentido de terem sido presos.

<sup>49</sup> No sentido de ter sido presa.

acidente fatal com garimpeiro. Às vezes, dá um acidente, mas é coisa... Dá um corte ali, bate com a ferramenta na mão, ou no pé, aquele negócio. Mas não tem muito acidente, não.

**Elodia Lebourg** – No caso do senhor, que trabalha com topázio, como se avalia o resultado de um garimpo? O que é um garimpo que está sendo lucrativo?

**Geraldo Leocádio** – Hoje, é um garimpo assim igual... A avaliação que eu faço, hoje... Se eu voltasse no tempo, eu não ia mexer com garimpo. Ganhei dinheiro, não vou falar que não ganhei. Ganhei, não é? Já tive situação boa com garimpo. Hoje eu tenho uma casa razoável, que eu tirei em garimpo, na época. Mas se voltasse o tempo, eu acho que não... E não deixo meus filhos. Não deixo! Eu tirei minha família de lá para meu filho não seguir esse negócio de garimpo. Eu tive oportunidade, na época, de fazer outras coisas e me dediquei ao garimpo. Hoje eu não quero isso para meu filho. Ele está aqui, está quase se formando na Universidade aí. Minha filha também está fazendo Universidade. Os dois. Se fizer uma avaliação, em Rodrigo Silva é capaz de você não encontrar um garimpeiro, desses mais velhos, que conseguiu alguma coisa. Porque o garimpo é uma coisa ingrata! A pessoa tira uma pedra, acha uma pedra boa. Vendeu, não é? Em Rodrigo Silva, há uns tempos, só se conversava em dólar. Você achava que a pessoa tinha muito dinheiro: dólar! Era tudo vendido em dólar, antes se vendia em dólar. E daqueles garimpeiros antigos não tem ninguém, não tem nenhum. Há pouco tempo foi um embora. Era um dos mais antigos, que estava no serviço. Ele foi sem... Morando uns 30, uns 40... Parece que ele ficou uns 40, uns 35 anos no garimpo. Foi embora com um fusquinha, a roupa do corpo e uma barraca que ele tinha e que ele desmanchou. Nesses 30 anos. Porque a pessoa tem aquele... Ganha o dinheiro. Depois, aquilo ali, não tem jeito de você... O garimpeiro não sabe também investir um dinheiro, empregar um dinheiro. Ele gasta e, às vezes, volta para o próprio garimpo, sabe? E lá não tem... Lá tem empresário que tem dinheiro. Mas garimpeiro... Não tem ninguém que pode contar que conseguiu muita coisa com esse garimpo. Não sei... É um dinheiro também, não sei, pode ser um... A pessoa ganha e não emprega o dinheiro em um imóvel, em outras coisas. Às vezes, o cara, quando acha uma pedra, compra um carro. Coisa que

vai tirar o dinheiro dele, não é? E vai gastar com farra. Garimpeiro gosta muito de farra.

**Bernardo Andrade** – Vem fácil, vai fácil, não é?

**Geraldo Leocádio** – Vem fácil, vai fácil.

**Elodia Lebourg** – Eu queria agradecer a presença do senhor, sua participação e fazer uma última pergunta. O que o senhor achou de ter participado do Vale Registrar e de ter dado seu depoimento para a gente?

**Geraldo Leocádio** – Eu nem sabia o que vinha fazer aqui! Vim só porque você estava me ligando e eu falei: “Nem sei! Será que é um emprego que estou arrumando?” [risos] Mas achei bom, foi válido. Depois uma pessoa me falou que era para falar sobre garimpo. Eu falei: “Ah! Mas tem muito tempo que eu não vou ao garimpo!” Mas eu achei muito bom!

**Elodia Lebourg** – Gostou?

**Geraldo Leocádio** – Gostei. Vocês estão fazendo essa matéria sobre o garimpo e outras coisas também, não é?

**Elodia Lebourg** – Também, a mineração de uma forma geral, ferrovias, para a Educação Patrimonial. A gente queria agradecer a presença do senhor. Muito obrigada pela sua participação.

**Geraldo Leocádio** – De nada.

**[Término da entrevista]**